

Povos Indígenas no Brasil

Fonte D. Liberal Class.: Índios / Isolados
 Data 08/04/90 Pg.: 11SR0035

O universo indígena em exposição

Tapiri, tapiri de brinde, ubim, emvira, títica. Palavras mágicas do universo indígena que podem ser devidamente esclarecidas na exposição que a Fundação Nacional do Índio (Funai) ao lado da Diretoria da Biblioteca Estadual "Arthur Vianna", Centur, abre amanhã, às 8 horas, no hall do 3º andar da Biblioteca, em comemoração ao Dia Nacional do Índio. A exposição simula o processo de contato que as Frentes da Funai fazem com os índios no interior do mato, numa área caracterizada como indígena.

Quando a área é conhecida como sendo indígena, a Funai, de uma forma oficial, trata de garantir a interdição daquela área, trabalho feito pelas Frentes de Contato, equipes que tratam de fazer o contato com os índios. Até 1987, a filosofia da Funai era contatar esses índios, indiferentemente ou não da necessidade. Depois de uma reunião realizada neste mesmo ano, em Brasília, os sertanistas — pessoas que se embrenham no mato para fazer o primeiro contato com os índios — decidiram só efetivar a ação em caso de urgência — agressão de fazendeiros, penetração de missões religiosas, doenças, etc.

Muitas vezes o contato direto com os índios leva anos e anos, depois de o grupo ter sido localizado. Esses índios, chamados isolados, na defesa pelo que é seu, tornam-se arredios e não permitem a aproximação. O grupo Waimiri-Atroari, situado entre Manaus e Boa Vista, deixou os homens da Funai esperando 40 anos para fazer o contato. Os Araras, em Alhamira, 15.

O trabalho das Frentes é de paciência. Instala-se um posto às proximidades do grupo e procura-se mostrar o mais amistoso possível. Se os índios se mostram sensíveis ao contato, procuram se aproximar numa relação caracterizada pela simbologia da troca de presentes. As Frentes armam um tapiri de brinde, espécie de cabana coberta com folhas chamadas ubim, à frente de seu posto com objetos diversos, que possam despertar o interesse dos índios. Painéis em troca de uma flecha, uma pena



Uma das fotos que estará na exposição da Funai

em troca de um colar. Aos poucos trava-se o contato.

Na exposição, a Funai montou um tapiri de brinde, o tapiri dos índios — o caminho que leva do posto a área indígena propriamente. Lá vão estar os cipós, as folhas com que se preparam a morada, as cascas para remédio, alguns instrumentos indígenas. Enfim, todo o ambiente onde se passa as ações da Funai. Há também exposição de fotografias, mostrando os contatos e aspectos dos índios que foram localizados.

"Esta exposição é de muita importância para que o público que está tão distante desta realidade possa conhecer o trabalho que nós realizamos", explica o antropólogo Antônio Pereira Neto, da assessoria de índios isolados da Funai. Estão reunidas basicamente a cultura de quatro grupos que foram contatados recentemente pela Funai: de tronco Tu-

pi, os Parakanã do Bom Jardim, no município de São Félix a Senador José Porfírio e Altamira; os Guajá, na divisa do Pará com o Maranhão; os Poturujara, entre Obidos e Oriximiná, que foram contatados no ano passado; e os Arara, de tronco Caribe, nos anos de 81, 83 e 87.

Existem no Brasil apenas 21 mil índios — 20 grupos possivelmente isolados —, dos quais, 11 mil estão no Pará. A Funai na região Norte mantém em sua jurisdição 100 postos espalhados no Pará, Amapá e Maranhão. Esta exposição foi mostrada em Brasília no ano passado, com grande sucesso. Em Belém está mais ampla, embora as medidas econômicas tenham afetado em muito a organização. Paralelamente, haverá venda de artigos indígenas, pela loja Arindia, que estará ocupando um espaço na loja da Paratur no hall Ismael Nery do Centur.



Fiorello Parise

Fim da velha história

São séculos e séculos de extermínio dos povos indígenas no Brasil. Pouquíssimos grupos ainda sobrevivem, hoje, no meio da mata, isolados ou não, enfrentando as ameaças da penetração branca, que se faz cega para não reconhecer o direito do índio sobre as suas terras, ou mesmo na estúpida tentativa de grupos religiosos, tal como se fez na colorização, colocar o indígena nos moldes da civilização branca, e mais ainda, de fazê-los ganhar o reino dos céus. Os órgãos de proteção ao índio, como a Funai, ao longo dos anos, duramente criticados pelas ações que se propõem benéficas, hoje buscam se vestir de uma outra forma.

Em 1987, durante a reunião dos sertanistas da ativa, que compõem as Frentes de Contato da Funai, houve a decisão de se mudar a política adotada, há pelo menos quatro décadas, em relação aos índios isolados — aqueles que nunca receberam contato com os brancos. Dali por diante, contato com os índios só em caso de emergência. Da pura percepção, então, que o trabalho só tem aumentado, pois, não são poucos os fazendeiros que se instalam em territórios indígenas, conscientes ou não, e depois têm que se defrontar com o ataque de seus verdadeiros donos. O derramamento de sangue, neste caso, é inevitável.

Ou mesmo os grupos religiosos, como a missão "As novas tribos do Brasil", que, no ano passado, praticamente obrigou as Frentes de Contato da Funai, a penetrar em território dos índios Poturujara (situados entre Obidos e Oriximiná), pois, depois da missão ter feito o contato, passaram a reivindicar ajuda da Funai na assistência médica, quando os índios come-



Curumim de uma das tribos que a Funai dá assistência

çaram a adoecer.

Na arma de fogo ou na ideológica, a tentativa de frear a influência branca tem sido quase que impossibilitada pelos interesses políticos, que cercam a questão agrária. "Hoje em dia, constatada a área como sendo indígena, quem sai é o fazendeiro e não mais os índios, como antes acontecia", assegura o sertanista Fiorello Parise, há pouco mais de 20 anos nesta atividade. Mas ele lamenta também que hoje em dia, como uma estratégia, os fazendeiros não avisam mais sobre os ataques dos índios: ele se ocupa em afastá-los, a peso de fogo, obviamente, para descaracterizar a área. "É desse jeito que os índios vão sendo extermiinados ultimamente".

Tudo isso, segundo o sertanista, dificulta a ação da Funai. "A nova filosofia do órgão é deixar os índios isolados intocados e cuidar dos que já foram contatados. Acabou-se a velha história, pelo menos para nós".